

Eve Berlin

DE OLHOS FECHADOS

Tradução
Inês Pimentel

*Quinta Essência**

Dylan Ivory soube que era *ele* no exato momento em que viu a corpulenta figura entrar no parque de estacionamento, diante do Museu de Arte Asiática, numa *Ducati* clássica, a moto preta e cromada. Alec Walker, o homem que ela viera entrevistar. Famoso pelos seus talentos e conhecimentos como dominador sexual na cena BDSM de Seattle.

Não era o blusão de cabedal negro que o denunciava. Nem o seu tamanho. Era o ar destemido e de confiança absoluta que ostentava ao parar a moto e acelerar o motor antes de o desligar. A forma como, ao tirar o capacete, passou a perna sobre o resplandecente depósito, como um cobói a desmontar um garanhão. Tinha uma aura de poder absoluto, que ela conseguia sentir mesmo a vários metros de distância, como uma brisa suave a soprar no seu corpo.

Sem o capacete, Alec Walker era ainda melhor. Cabelo escuro – quase preto – e ligeiramente encaracolado, pairando um pouco acima da gola do blusão. Um forte perfil, que poderia ter sido talhado em mármore.

Dylan permaneceu ao lado do seu carro, a porta ainda aberta, as chaves esquecidas na mão. Porque disparara o seu coração? Mas era incapaz de afastar os olhos dos movimentos

graciosos das grandes mãos dele enquanto descalçava as luvas de couro e prendia o capacete ao assento da moto.

Ela ainda estava a observá-lo quando os seus olhares se cruzaram. Penetrantes olhos azuis de um brilho intenso que *a conheceram*. E sabiam que estava a observá-lo. Pela primeira vez depois de adulta, Dylan sentiu-se completamente atrapalhada.

Se ao menos o seu coração se acalmasse, raios!

Isto é um encontro profissional.

Sim, mas esse facto não parecia inibir nada a sua reacção àquele homem. Ela teria de se recompor antes de falar com ele. Estava ali para aprender. Para fazer pesquisa. Jennifer, a submissa com quem conversara via internet na semana anterior, dissera-lhe para falar com Alec Walker, mas esquecera-se de mencionar que ele era lindo.

Alec Walker era um homem que devia vir acompanhado de um sinal de perigo.

Ele sorriu, exibindo uns surpreendentes dentes muito brancos, a boca uma linha sensual no rosto completamente masculino, enquadrada por uma pera preta que lhe dava um ar um pouco malévolo. Ela gostava daquele ar malévolo. Um calor espalhou-se pelo seu ventre como fogo líquido.

Alec avançava na sua direcção. Os joelhos dela tremaram.

Ele aproximou-se mais, até que parou do outro lado do *Audi* branco dela.

– Tenho o pressentimento que você é a mulher com quem me venho encontrar.

Voz profunda, modulada e surpreendentemente suave. Sensual.

Ela conseguiu apenas assentir com a cabeça.

Os lábios dele curvaram-se para cima ante o silêncio persistente.

– Dylan Ivory? Autora de livros eróticos?

– Sim...

O que havia de errado com ela? Porque não conseguia articular uma frase com pés e cabeça?

– Sou o Alec. Podemos entrar?

– O quê? Sim, com certeza.

Ela fechou a porta do carro, acionou o fecho automático e tentou ignorar o calor que se lhe espalhava pela pele. Subitamente, o seu casaco de lã pareceu demasiado pesado, mesmo no outono húmido característico de Seattle. Estava muito sensível ao homem que caminhava ao seu lado enquanto se aproximavam da imponente entrada Art Déco do museu, ladeada por dois camelos esculpidos em pedra. Dylan sempre gostara daquele edifício e das suas exposições. Quando Alec sugeriu que fossem até ao café, ela ficou agradavelmente surpreendida. Apreciadora de arte, particularmente a asiática, estivera ali muitas vezes.

Subiram os largos degraus de pedra e Alec pousou suavemente uma mão no fundo das suas costas. Um arrepio percorreu-a. Olhou para ele e viu-o a sorrir-lhe. Mas ambos permaneceram em silêncio ao atravessarem a entrada, os seus passos a ecoarem no chão de mármore e depois no pequeno lanço de escadas que conduzia ao Taste Café, no pátio central.

Ao entrarem, Alec indicou uma das pequenas mesas sob o teto abobadado. Lá fora, havia estátuas: Buda, Vishnu, Kali. Dylan jurava que podia sentir o cheiro da pedra antiga, além do aroma do café e do chá, disperso no ambiente. Luzes difusas atravessavam os vidros foscos das janelas do átrio, acentuadas pelos apliques de âmbar que emitiam uma discreta luz dourada. Era um lugar tranquilo, onde Dylan ia com frequência para tomar chá em paz, mas naquele dia estava uma pilha de nervos.

Porque se sentia tão tensa? Ele era apenas um homem. E aquela era apenas mais uma entrevista.

Ele ajudou-a a tirar o casaco e afastou a cadeira para que ela se sentasse. Agradável, com modos à antiga. Tudo muito raro naquela cidade cosmopolita.

Ele despiu o blusão de cabedal e colocou-o nas costas da cadeira, sentando-se descontraído, seguro de si. Usava uma camisola de malha cinzenta que destacava os seus ombros largos. O homem era mesmo enorme, com uma constituição de jogador de futebol americano. As suas feições eram absolutamente masculinas, das linhas angulosas do queixo às maçãs do rosto salientes. Apenas a sua boca era suave, em total contraste com o resto do rosto. Muito sensual.

Dylan virou-se na cadeira, pegou na ementa e examinou a seleção de chás.

– O que vai querer? – perguntou Alec.

– Geralmente, peço a mistura chá de jasmim com chá verde.

Alec fez sinal ao empregado e, antes que ela pudesse dizer mais alguma coisa, fez o pedido para ambos.

– Espero que goste de *biscotti* – disse sorrindo-lhe. – Os daqui são tão bons como os de Roma. Há lá um pequeno café, perto da escadaria da Praça de Espanha. Não seria de esperar algo tão espetacular numa zona turística. Mas esse café faz os melhores *biscotti* de Itália.

– Há anos que não vou a Roma. Mas lembro-me desses *biscotti* e do sítio.

– Estive lá o ano passado, quando voltava de uma viagem a Espanha.

– Viaja com frequência?

– O máximo possível. Não gosto de ficar num sítio muito tempo, embora os meus prazos de escritor estejam a prender-me em casa atualmente. Isso deixa-me inquieto. Há muito que fazer no mundo.

Dylan inclinou-se para a frente, deslizando as pontas dos dedos na colher que repousava no guardanapo de papel sobre a mesa.

– Como o quê?

Deus do céu, estaria a namoriscar com ele?

– Tudo. – Ele sorriu. – Qualquer coisa. Fiz escalada no Brasil, mergulho numa zona de tubarões ao largo de Fiji, caminhadas no Nepal de mochila às costas.

– Então é um viciado em emoção.

– Sim, acho que sou. Mas não quero gabar-me. São apenas coisas que gosto de fazer. Para desafiar as probabilidades. – Encolheu os ombros, arqueando ligeiramente o canto da boca num breve sorriso. – Velocidade. Gosto das minhas motos e de conduzir velozmente, testar como controlo a máquina em manobras radicais.

Ela estremeceu.

– Nunca seria capaz de andar de moto. Nem num milhão de anos.

– Ia gostar.

– Não, acho que não. Então... procura emoções nas suas viagens?

– Até certo ponto. Mas muitas também foram viagens espirituais.

– E escreve livros de terror, pelo que a Jennifer me disse. Ela acha que como para além de escritor... é um dominador... talvez me possa ajudar na pesquisa para o meu livro.

Ele assentiu com a cabeça.

– Sim, também acho. Parece pouco à vontade com o termo «dominador».

– Acha? Talvez seja verdade. Embora me dedique ao género erótico, este não é o tipo de conversa que costumo ter.

– Tudo bem.

O empregado serviu o chá e Dylan teve bastante cuidado ao vertê-lo do lindo bule japonês para a sua chávena, evitando o olhar azul de Alec. O aroma do jasmim envolveu-a imediatamente, acentuado pelo do chá verde. A fragrância era familiar, reconfortante.

Alec pegou nos *biscotti* e ofereceu-lhos.

– Tome. Tem de comer um.

Era uma ordem, não uma sugestão. Ela surpreendeu-se ao obedecer.

– Na verdade, escrevo *thrillers* psicológicos – continuou Alec. – Já leu algum deles?

– Não. Sinto muito.

– Talvez devesse.

Dylan estava a ficar irritada. A linha entre a autoconfiança e a arrogância estava a tornar-se pouco ténue.

– Talvez você deva ler algo da minha obra.

– Já o fiz. Assim que a Jennifer me falou a seu respeito, li o seu último livro.

– E? – desafiou ela.

– Acho que é uma ótima escritora. Inteligente. Atenciosa. Desenvolve muito bem os personagens. O aspeto romântico não tira o brilho da história, como acontece com muitos outros autores. E sabe abordar o tema sexo de uma forma realista. Com uma crueza admirável.

– Oh! – Não era o que ela esperava que ele dissesse. Ficou momentaneamente perturbada. De novo. – Obrigada.

– Então, fale-me sobre este último projeto. Por que razão precisava de falar comigo?

Aqueles olhos azuis estavam fixos nela. Pareceu-lhe, de repente, que eram muito parecidos com os de Quinn, embora os de Quinn tivessem sido inocentes de uma forma que, achou ela, os de Alec nunca deviam ter sido, mesmo quando jovem. Tinham, porém, aquele tom de azul-turquesa que a fazia pensar nas Caraíbas.

Havia sinceridade naqueles olhos, apesar da arrogância. Ela fugiu do seu olhar, fitando o ponto em que os dedos dele acariciavam a chávena de chá. Parecia minúscula na mão dele. Frágil. Como se ele pudesse parti-la com uma leve pressão. E aqueles dedos a deslizarem suavemente pela superfície lisa...

Ela esforçou-se por afastar os olhos daquelas mãos, voltando ao rosto.

Não ajuda nada...

– Estou a escrever sobre um casal que explora o sadomasoquismo. A troca de poder, alguma submissão... temas sobre os quais já escrevi antes. Mas desta vez gostaria de os aprofundar mais. Possivelmente explorar o papel da dor. E quero que tenha alguma autenticidade. Não o farei de outra forma. Sabia que teria de começar por uma pesquisa minuciosa, conversar com pessoas que experimentaram essas coisas. Encontrei recentemente a Jennifer numa comunidade virtual de sadomasoquismo local, enviei-lhe um *e-mail* e perguntei se podíamos conversar. Entrevistei-a e ela foi muito simpática e franca comigo. Mas, como submissa, não julgou estar qualificada para me oferecer o quadro completo. Por isso me sugeriu que falasse consigo.

Ele assentiu com um movimento de cabeça.

– É difícil ter uma boa ideia do que é a cena BDSM e de qual a sua dinâmica e psicologia falando apenas com uma pessoa. As experiências individuais são distintas e particulares. Se ela é puramente submissa, não pode saber muito bem como funciona uma mente dominadora.

– Sim, foi essa a ideia que ela me transmitiu. E faz sentido.

– Nunca escreveu sobre submissão e sadomasoquismo?

– Não. Apenas sobre fetiches menores, um pouco de *bondage* no quarto, mas nada realmente sério.

– Acha que o tema da submissão e do sadomasoquismo é sério?

– Não é?

Ele não respondeu.

– Nunca experimentou?

– Eu... não.

– Ah, quer manter esta conversa no plano profissional. Estritamente com propósitos de pesquisa.

– Sim. Com certeza.

Ele inclinou-se para a frente, apoiando os cotovelos na mesa; aproximou-se o suficiente para ela poder sentir o cheiro do seu perfume, um odor ao mesmo tempo fresco e sombrio. Como o oceano e o bosque.

Baixou a voz, fazendo subitamente com que a conversa parecesse mais íntima. Talvez demasiado íntima para o gosto dela.

– Vou dizer-lhe uma coisa, Dylan, e é a pura verdade. Não é possível retratar um estilo de vida de forma exata se não entrar nele. Tem de experimentá-lo, mergulhar de cabeça. Há muitos componentes... físicos, psicológicos, emocionais... e todos sobrepostos. É complexo. Por isso é que nós que o praticamos gostamos dele. Da complexidade. Da intensidade.

Ele tocou com as pontas dos dedos nas costas da mão dela. A pele dele era quente. A dela ficou-o ainda mais.

– Tem a ver com sensação. E com o que se passa na sua cabeça. Pode ser sensual ou sexual. Ou ambos. Não será capaz de descrever a dinâmica envolvida sem ter estado lá.

Dylan ficou com a garganta seca. A ideia não era chocante. Não tanto como o toque dele. Pegou na chávena, bebeu um gole de chá, aclarou a garganta.

– Calculo que tenha razão. E é um tema interessante. Mas não sei...

– Pare de fingir que não passa de um tema interessante, Dylan. – Ele fez deslizar as pontas dos dedos para o interior do pulso dela, sob a manga da camisola de caxemira. – Estou a sentir o seu pulso a acelerar.

– Alec...

– Vá lá, Dylan. Não precisa de representar comigo. O BDSM tem a ver com isso mesmo. Com a sinceridade de admitirmos sermos o que somos.

– Eu ia dizer que você... está certo.

Tinha mesmo admitido aquilo perante ele? Mas talvez Alec tivesse *razão* a respeito de tudo – que ela tinha de ser

sincera com ele para aprender alguma coisa. Teria de mergulhar de cabeça, como ele dissera.

Não tinha nada a ver com aquela atração ridícula que estava a sentir por ele, pois não?

Dylan libertou a mão, pousando-a em segurança no regaço.

– Você e a Jennifer devem conhecer alguns homens submissos. Existem alguns em quem confiem e que me possam indicar? E eles aceitariam relacionar-se com uma mulher que não tem nenhuma experiência como dominadora?

Alec riu, recostando-se na cadeira.

– Você está a referir-se a ficar por cima, a dominar esses homens?

– Sim.

– Ah, Dylan. Não percebe que é uma submissa?

– O quê?

– Percebi-o assim que a conheci. Senti-o lá fora, no parque de estacionamento, mesmo antes de falarmos.

– Não estou a perceber.

Por que razão sentia o rosto a aquecer? Porque estava tão confusa? Detestava que aquele homem provocasse tal efeito nela.

– Acho que percebe o suficiente sobre o assunto para saber exatamente do que estou a falar.

Ela suspirou.

– Claro que tenho uma ideia do que é uma pessoa submissa. Mas não tem nada a ver comigo. O que realmente faz sentido, para mim, é estar por cima, dominar. Não tenho receio de admitir que sou uma pessoa controladora.

– E é exatamente por isso que precisa de mudar de perspetiva. Tem de se abrir. Renunciar a essa necessidade de controlo em favor de outra pessoa capaz de assumir esse papel.

Ela estava a ficar furiosa, mas tentou controlar-se.

– Você é muito arrogante.

– Pois sou. Mas tenho razão. Tenho sempre razão a respeito deste assunto. Você tem problemas de autodomínio; vejo pela forma como se controla. Vejo a raiva nos seus olhos. Na forma como aperta o maxilar. E, uma vez por outra, podia provavelmente ser dominadora de um homem. Ou de uma mulher. Mas isso não a faria chegar ao seu anseio mais profundo, que é o da submissão. Não lhe daria aquilo de que realmente precisa.

Ela abanou a cabeça, cerrando os dentes.

Alec inclinou-se novamente por sobre a mesa e pegou na mão dela. A dele era grande e envolvia a dela com calor e força.

– Dylan, deixe-me fazer-lhe uma proposta. Submeta-se a mim.

Ela tentou libertar a mão, mas ele segurou-a com força.

O olhar de Alec estava fixo no dela, incrivelmente cativante, de um azul luminoso.

– Experimente – continuou ele. – Veja como reage. Se eu estiver certo, terá aprendido algo a seu respeito e conseguirá uma pesquisa bastante pessoal e exclusiva para o seu livro. E, se eu estiver errado, bem... mesmo assim terá feito alguma investigação.

– Posso fazer essa pesquisa como dominadora.

– Não, não pode. É muito difícil alguém submisso ensinar um dominador inexperiente. Quando as endorfinas começam a espalhar-se pelo corpo de um submisso, ele entra no subespaço, aquele espaço mental em que tudo desaparece e ele pode apenas ver e sentir a interação entre dominador e submisso, as sensações e os cheiros. Não estarão suficientemente presentes para funcionarem como professores. Não conseguirá aprender tanto dessa forma. Mas pode aprender comigo. Sou muito bom no que faço. – Agitou a mão livre. – Já sei, estou de novo a ser arrogante. Mas não importa. O que importa é que isto é a verdade.

– Talvez.

Talvez fosse verdade que aquela era a melhor maneira de aprender. Talvez nada tivesse a ver com o facto de Alec, sentado tão próximo e a segurar-lhe a mão, a fazer sentir a ferver. A fazer sentir-se molhada, pelo amor de Deus! Mas não passava de pura química. Não significava nada nem conferia credibilidade à argumentação dele. Estava certa de que poderia provar que ele se enganava.

Mordeu o lábio.

Ele estava mesmo enganado a seu respeito.

– Durante quanto tempo devíamos tentar? – perguntou ela.

Ele encolheu os ombros.

– O tempo que for necessário. O que você precisar para descobrir o que precisa de saber. Para o seu livro. Para si própria.

– Então vamos improvisar? Só para ver como as coisas se desenrolam?

– Ah... eu sei como as coisas se vão desenrolar.

– Ai sim? E como?

Dylan estava de novo furiosa. E ele ainda lhe segurava a mão. O polegar acariciava-lhe os nós dos dedos, enviando uma onda de desejo diretamente para o seu âmagô. Mas ela não lhe daria a satisfação de tentar libertar-se outra vez.

– De início, você irá resistir. Terei de trabalhar muito. Conquistar a sua confiança. – A voz dele era baixa, um murmúrio rouco. Ela teve de se inclinar para a frente para conseguir ouvi-lo. – Mas pouco a pouco irá entregar-se a mim. Nas minhas mãos. Serei duro consigo. E meigo.

Ele ergueu a mão dela e roçou nela os lábios, ampliando o calor que a escaldava, chocando-a. Ela foi incapaz de articular uma palavra. A sua mente estava um caos.

Alec pousou a mão dela sobre o tampo frio da mesa, olhando-a fixamente.

– É assim que vai ser, Dylan.

Ela odiava o facto de se sentir tonta, confusa. Não compreendia o que se passava. E recusava ceder àquilo. Ou a Alec Walker.

Pegou na sua chávena de chá, bebeu um gole. Respirando fundo, fez um esforço para se acalmar e pousou a chávena na mesa com mão firme.

– Pode pensar o que quiser, Alec. Mas obviamente ainda não me conhece.

Ele pegou na sua chávena, sorveu um longo gole e fez uma pausa. Continuou a olhar para ela de maneira penetrante.

– Não tão bem como certamente conhecerei. Quero dizer, se concordar com a minha proposta.

– Oh, estou a concordar.

– Gosta de um desafio.

– Sim.

– Eu também.

Aquele insistente olhar azul perfurava-a, mas ela não desviou o seu, não queria recuar. Ele estava certo a respeito de uma coisa: ela iria resistir. Ceder não fazia parte da sua natureza. Nem diante de Alec Walker e dos seus olhos extraordinários, das suas mãos quentes, da sua boca macia e sensual...

Ela precisava de manter as coisas controladas, como sempre. E ignorar a aparência dele, a forma como falava, a forma como lhe tocava.

Em breve, ele iria *realmente* tocar-lhe.

Forçou-se de novo a acalmar; respirou longa e profundamente. O importante era o controlo e ela era a rainha do controlo. A vida ditara que fosse exatamente isso, desde criança. Tivera de ser, com aquela mãe desequilibrada. Alguém tivera de ser e ela era a mais velha. Tivera de tomar conta de Quinn.

E fizeste um péssimo trabalho.

Porque estava a pensar naquilo agora? Afastou o passado para o fundo da mente, onde tinha de estar. Concentrou-se no homem sentado à sua frente, a observá-la com atenção.

Sim, podia lidar com Alec Walker, independentemente do que ele pensava a seu respeito.

– Alec.

– Sim?

– Tenho uma proposta.

– Diga? – Uma sobranceira escura levantou-se.

– Se você não conseguir dobrar-me, como pensa que pode...

– Ah... vou conseguir. Embora prefira chamar-lhe do-mar.

– Chame-lhe o que quiser. Mas, se não funcionar, irá deixar-me dominá-lo.

Ele surpreendeu-a ao sorrir.

– Tudo bem.

Uma imagem passou pela mente dela: Alec nu, ajoelhado. Mas, mesmo nessa breve fantasia, ele não parecia estar a submeter-se. Não, continuava forte, desafiador e confiante como sempre. Ela não acreditava que ele pudesse ser diferente. Não havia nada suave e fácil naquele homem.

Exceto aquela boca...

– Então estamos combinados?

Ele assentiu com a cabeça.

– Sem dúvida. Estamos combinados.

Alec pegou-lhe outra vez na mão, curvando os dedos sobre os dela. E, antes que Dylan percebesse o que estava a acontecer, ele puxou-a na sua direção sobre a pequena mesa de café e sussurrou contra a sua boca:

– Estas coisas costumam selar-se com um beijo.

A sua boca estava muito perto, lasciva, deliciosa. Ela sentiu o corpo fraquejar e inclinou-se para ele, sentindo o seu hálito doce com aroma de chá. À espera do beijo.

Ele afastou-se, afundando-se na cadeira.

– Mas temos de esperar até estar pronta para mim, Dylan. Até implorar por isso.

Céus! Ela quase implorara naquele momento!

Dylan abanou a cabeça. Queria pousar as mãos frias na pele ruborizada. Afastar a madeixa de cabelo ruivo que pairava sobre o seu rosto. Mas não queria que ele notasse a sua inquietação. Estava cheia de desejo. Um desejo que chegava a doer. Por ele.

Tinha de sair dali, de inspirar ar fresco e húmido. Tinha de respirar.

– Preciso de ir andando – mentiu. – Tenho outro compromisso.

– Claro. Eu acompanho-a. – Ele levantou-se.

– Não é preciso.

Ele inclinou a cabeça, todo galante, de novo com modos clássicos.

– Já que insiste...

Ela pôs-se em pé, pegou no casaco, na mala.

– Eu... nem chegámos a começar a entrevista.

– Acho que começámos, sim.

– Oh! Bem, sim. Suponho que falaremos mais quando... depois...

– Sim, falaremos. Embora eu creia que, se você experimentar estas coisas, não achará necessária uma entrevista formal. Irei mandar-lhe um *e-mail* a dizer quando nos poderemos encontrar.

Não era uma pergunta. Mas ela não foi capaz de apresentar qualquer protesto.

Raios!

– Sim, falaremos. – Começou a vestir o casaco e ele aproximou-se logo, colocando-o nos seus ombros. Sentiu de novo o cheiro dele, aquele perfume a oceano e bosque.

– Obrigada por se ter encontrado comigo hoje.

– O prazer foi meu.

Alec estava a olhar na sua direção. Sorria. Ela inspirou discretamente, inalando o seu aroma.

Céus, tinha mesmo de se controlar. Voltar ao seu estado normal. Mas tudo parecia diferente com ele. Era um homem perigoso. Ela nunca recuara diante de um desafio antes e não ia fazê-lo agora. Mesmo que aquele desafio já a fizesse duvidar de si mesma, imaginando qual dos dois acabaria, de facto, a dominar.

Tinha de ser ela.

Tinha de ser.

